

JOHN LOCKE
ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 7 — (§§ 103-110)

§. 103. Disse-vos, antes, que as crianças amam a *liberdade* e, portanto, deveriam ser levadas a fazer as coisas que lhes são apropriadas, sem sentirem qualquer restrição ser imposta sobre elas. Digo-vos, agora, que há alguma coisa que elas amam mais: é o *domínio*. E esta é a origem primeira da maioria dos hábitos viciosos que são ordinários e naturais. Este amor pelo *poder* e domínio mostra-se muito cedo e nestas duas coisas.

§. 104. 1. Vemos crianças (quase assim que nascem, com certeza bem antes de saberem falar) que gritam, tornam-se impertinentes, intratáveis e mal-humoradas, unicamente para que se lhes façam as *vontades*. Pretendem que os outros submetam-se a seus desejos; reclamam pronta aquiescência de todos ao redor de si, especialmente daqueles que estão próximos ou abaixo delas em idade e condição, assim que passam a considerar os demais segundo estas distinções.

§. 105. Outra coisa em que mostram seu amor pelo domínio é no desejo de que as coisas sejam delas; querem a *propriedade* e a posse, regozijando-se com o poder que parecem conferir e com o conseqüente direito que têm de delas dispor conforme lhes aprouver. O Homem que não tenha observado estas duas inclinações (humours) operando bem cedo nos filhos terá tido pouco conhecimento de suas ações; e aquele que pensa que estas duas raízes de quase toda injustiça e discórdia que perturbam a vida humana não devem ser cedo extirpadas, e introduzidos hábitos contrários,

negligencia a época adequada para deitar os fundamentos de um homem bom e honrado. Penso que as coisas a seguir podem, de algum modo, conduzir a que se alcance esse fim.

§. 106. 1. Já disse que não se deve permitir que o filho obtenha o que *pedir insistentemente*, muito menos se *pedir aos gritos*, ou seja, sempre que *clamar* por algo. Entretanto, como isso pode ser mal entendido e interpretado como se eu quisesse dizer que o filho nunca deve pedir aos pais qualquer coisa – o que talvez seja julgado como imposição de uma restrição excessiva na mente dos filhos, em prejuízo daquele amor e afeição que deveria haver entre estes e seus pais –, devo explicar-me um pouco mais particularmente. É conveniente que tenham toda a liberdade de manifestar aos pais suas necessidades e que sejam ouvidos atentamente e as tenham supridas, ao menos enquanto são bem pequenos. Mas uma coisa é dizer «tenho fome», outra é dizer «quero carne assada». Quando manifestem suas necessidades, suas necessidades naturais, o sofrimento que sentem em virtude da fome, sede, frio ou qualquer outra necessidade da natureza, é dever dos pais, e de todos que os cercam, satisfazê-los. Entretanto, os filhos devem deixar à escolha e regulação dos pais, a fim de que julguem o que lhes é mais conveniente e em que medida; e não se lhes pode permitir que escolham por si próprios e digam «quero vinho» ou «quero pão branco»; o simples fato de nomearem alguma coisa deve fazer que a percam.

§. 107. Neste caso, o que os pais devem tomar cuidado é em distinguir entre as necessidades da fantasia e as da natureza, o que *Horácio* bem os ensinou a fazer neste verso.

Quis humana sibi doleat natura negatis.¹

São necessidades verdadeiramente naturais aquelas contra as quais a razão isoladamente, sem qualquer outro auxílio, não é capaz de proteger-nos ou evitar que nos perturbem. Os sofrimentos das doenças e ferimentos, da fome, da sede e do frio, a necessidade do sono e do descanso ou do relaxamento dos órgãos fatigados pelo trabalho são o que todos os homens sentem, e mesmo as mentes melhor dispostas não podem deixar de sentir suas perturbações. Portanto, através dos meios adequados, é mister procurar removê-los, embora sem impaciência ou excessiva pressa, aos primeiros sinais de sua presença, se a demora não for ameaça de algum mal irreparável. Os sofrimentos provenientes das necessidades da natureza são monitores a prevenir-nos de males maiores, dos quais são precursores. Por conseguinte, não devem ser completamente negligenciados nem afastados para muito longe. Ao contrário, quanto mais os filhos puderem ser avezados

¹ *Sátira*, I, 74-75: “panis ematur, holus, vini sextareius, adde quis humana sibi doleat natura negatis”. (Comprei pão, vegetais, uma garrafa de vinho e junto as coisas cuja negação faz sofrer a natureza humana.)

a proações deste tipo, mediante uma preocupação sensata em torná-los mais fortes de corpo e mente, melhor será para eles. Neste assunto, não necessito aconselhar-vos a vos manterdes dentro dos limites de fazer-lhes o bem e a vos acautelardes, a fim de que as coisas que os filhos são levados a suportar não lhes venham alquebrar o espírito ou prejudicar a saúde, posto que os pais estão demasiadamente predispostos a inclinar-se mais do que deveriam em direção ao lado mais brando.

Por mais que as necessidades da natureza possam requerer complacência, as vontades das crianças fantasiosas não devem jamais ser concedidas, nem deve ser tolerado que sejam *mencionadas*. O simples fato de *clamar* por alguma coisa deve fazer com que a percamos. Roupas, quando necessitem, devem tê-las; mas se clamam por este tecido ou aquela cor, devem ter certeza de que não os terão. Não é que eu proponha aos pais que contrariem propositalmente os desejos dos filhos quando se trata de assuntos indiferentes. Pelo contrário, quando sua conduta faz por merecer, e tendo-se a certeza de que isto não irá corromper ou efeminar-lhes a mente e torná-los desejosos de trivialidades, penso que, tanto quanto possível, tudo deva ser arranjado para sua satisfação, de modo que encontrem felicidade e prazer no bem conduzirem-se. O melhor para os filhos é que não depositem absolutamente qualquer prazer em coisas desse tipo, nem tenham suas fantasias como critério de satisfação, mas que sejam indiferentes a tudo que a natureza assim fez. A isso é que devem visar precipuamente os pais e professores. Entretanto, até que isso seja alcançado, apenas oponho-me a dar-se-lhes a liberdade de *clamar*; é com uma constante negativa que este gosto pelas coisas da fantasia pode ser corrigido.

Talvez isso possa ser julgado um tanto severo demais pela indulgência natural de pais ternos; entretanto, não vai além do necessário. Posto que o método que proponho é banir o látego, esta restrição da língua será de grande utilidade no estabelecimento daquele temor de que falamos alhures e para manter o respeito e a reverência devidos aos pais. Outrossim, ensinar-lhes-á a conter, e então, dominar suas inclinações. Desta forma, serão levados a aprender a arte de sufocar seus desejos assim que apareçam, quando mais facilmente podem ser dominados. Permitir o livre curso proporciona vida e força a nossos apetites; o homem que confia em transformar seus desejos em demandas estará muito perto de pensar que tem a obrigação de satisfazê-los. De uma coisa, estou certo: pode-se suportar mais facilmente a negativa auto-imposta do que a proveniente de outrem. Portanto, cedo devem ser acostumados a consultar e usar a razão, antes de abandonarem-se às inclinações. É um grande passo em direção ao domínio de nossos desejos dar-lhes este sofrimento e fazê-los silenciar. Este hábito, adquirido pelas crianças, de impedir o avanço de suas fantasias e de, antes

de *pedir*, avaliarem se é ou não adequado, ser-lhes-á de grande proveito em assuntos de maior importância no curso de suas vidas. O que nunca será demais inculcar é que, independentemente de que assunto se trate, se de maior ou menor significância, a coisa mais importante (quase disse a única) a ser considerada em todas as ações de uma criança é que influência terão estas ações sobre sua mente, que hábitos provavelmente tendem a estabelecer, o que estes hábitos o tornarão quando for maior e, se forem estimulados, aonde haverão de conduzi-lo quando adulto.

O que quero dizer, portanto, não é que se deva, deliberadamente, fazer os filhos sofrerem. Nisto haveria muita desumanidade e maldade com o que poderiam ser contaminados. Eles deveriam ser levados a recusar seus apetites e tanto suas mentes quanto seus corpos deveriam ser tornados vigorosos, lenientes e fortes através do costume de terem suas inclinações sob sujeição, e seus corpos exercitados nas privações. Tudo isso, entretanto, sem demonstrar-lhes qualquer má vontade, nem sequer fazê-los apreensivos quanto a isso. A perda constante daquilo por que *imploram* ou do que *se servem por conta própria* deve ensinar-lhes a modéstia, a submissão e o poder da privação voluntária. Mas, recompensar-lhes a modéstia e o silêncio, dando-lhes o que queriam, assegura-lhes acerca do amor daqueles que rigorosamente exigiram obediência. O fato de, num momento, resignarem-se na falta do que desejam é uma virtude que, em outro momento, deve ser recompensada com o que lhes for adequado e aceitável, contanto que oferecido como se fora consequência natural do bom comportamento e não como barganha para obtê-lo. Entretanto, perdereis vosso esforço, e o que é mais importante, também seu amor e respeito, se forem capazes de receber de outrem o que vos negardes. Isso deve ser mantido com muita firmeza e observado cuidadosamente. E aqui os servos põem-se novamente em meu caminho.

§. 108. Se isso for começado cedo, e se eles forem acostumados a silenciar os desejos, esse proveitoso hábito há de estabelecer-se; e, conforme cresçam em idade e sabedoria, maior liberdade lhes pode ser concedida, quando a razão, e não a paixão, vier a falar por eles. Sempre que a razão falar, deve ser escutada. Assim como nunca devem ser ouvidos quando pedirem qualquer coisa em particular que desejem *ter*, a menos que anteriormente se lhes tenha prometido, pelo contrário, devem sempre ser ouvidos, e clara e gentilmente respondidos, quando perguntarem por qualquer coisa que queiram *saber* e sobre a qual desejem ser informados. A *curiosidade* deve ser cuidadosamente acalentada nas crianças, assim como outros apetites devem ser suprimidos.

Embora deva ser mantido pulso firme sobre todos os desejos da fantasia, há um caso em que deve ser permitido à fantasia pronunciar-se e

ser também escutada. A *recreação* é tão necessária quanto o trabalho ou o alimento. Como, porém, não pode haver *recreação* sem prazer, o que nem sempre depende da razão mas, mais freqüentemente da fantasia, deve ser permitido às crianças não apenas divertirem-se, mas fazê-lo a seu modo, desde que seja inocentemente e sem prejuízo à saúde. Nesse caso, por conseguinte, não se lhes deve impedir, se propõem algum tipo particular de *recreação*. No entanto, penso que numa educação bem ordenada raramente elas terão a necessidade de pedir tal liberdade. Deve-se ter o cuidado de que sempre encontrem prazer em fazer o que lhes for proveitoso; antes que estejam cansadas de uma atividade, devem ser oportunamente *dirigidas* a alguma outra ocupação útil. Entretanto, se elas ainda não chegaram ao grau de perfeição em que uma atividade benéfica pode tornar-se *recreação*, devem ser deixadas à vontade nas brincadeiras infantis que inventem, das quais deverão desistir quando se tenham saciado. Pelo contrário, das coisas úteis a que estejam dedicadas, devem ser afastadas enquanto ainda tenham algum apetite; pelo menos, antes que estejam cansadas e fiquem enfadadas. Desse modo, poderão retornar a elas novamente como a um prazer que as distrai. Não deveis jamais pensar que estejam bem, até que sejam capazes de encontrar prazer na prática de ações laudáveis e até que os exercícios úteis do corpo e da mente, alternando-se tornem agradáveis suas vidas e progressos, numa seqüência ininterrupta de *recreações*, na qual os órgãos fatigados são constantemente aliviados e refrescados. Não sei se isso pode ser feito com todos os temperamentos ou se os tutores e pais suportarão o esforço e terão a sabedoria e a paciência para conduzi-los a tal. Entretanto, em absoluto, duvido que possa ser feito com a maioria das crianças, se for tomado o caminho apropriado para desenvolver nelas o desejo de confiança, estima e boa reputação. E, quando tiverem tanto da verdadeira vida em seu interior, poderá ser livremente tratado com elas sobre o que mais as *agrada*, e poderão ser dirigidas ou deixadas à vontade para que se dirijam neste sentido, de modo que possam perceber que são amadas e acalentadas e que aqueles sob cuja tutela estão não são inimigos de sua satisfação. Tal procedimento fará com que amem a mão que as dirige e a virtude a que são dirigidas.

Outra vantagem que pode ser obtida pela permissão de uma ampla liberdade em suas recreações é a de que serão desvelados seus temperamentos naturais, mostradas suas inclinações e habilidades e, deste modo, os pais sensatos serão orientados, tanto na escolha do curso da vida e da ocupação que lhes designarão, quanto com relação aos remédios que neste ínterim devem ser aplicados a qualquer desvio da natureza que tenha a propensão de desencaminhar quaisquer de seus filhos.

§. 109. 2. Os filhos que moram juntos freqüentemente põem em disputa quem terá o domínio e de quem serão os desejos que haverão de prevalecer sobre os dos demais. Quem quer que comece a *contenda* deve estar certo de que será contido. Mas não apenas isto: eles devem ser ensinados a ter para com os outros toda a *deferência, complacência e civilidade* imagináveis. Quando eles virem que estas lhes proporcionam respeito, amor e estima, e que por elas não perdem qualquer superioridade, terão nisto mais prazer que em dominações insolentes.

As acusações dos filhos uns contra os outros, que geralmente não são mais do que os clamores da raiva e da vingança a requerer sustentação, não devem ser bem recebidas ou sequer escutadas. Enfraquece-lhes e efemina-lhes a mente aceitar que se *queixem*. E se às vezes suportarem contrariedade e dores causadas pelos outros, sem que lhes seja permitido julgar que isto é estranho ou intolerável, não lhes fará qualquer mal aprenderem cedo o sofrimento e a endurecer-se. Embora não ligueis qualquer importância às *reclamações* do *queixoso*, ainda assim, certificai-vos de vergar a insolência e má índole do injuriante. Quando vós mesmos observardes a injúria, reprochai-a diante da parte injuriada. Se a *queixa*, porém, for a respeito de algo que realmente mereça vossa atenção e prevenção de que volte a ocorrer, então reprochai o ofensor em separado, fora da vista daquele que se queixou e fazei-o pedir perdão e efetuar a reparação. Isso vindo assim, como se partisse dele mesmo, será realizado com mais ânimo e acolhido mais simpaticamente; será fortalecido o amor entre eles e o hábito da civilidade tornar-se-á familiar entre vossos filhos.

§. 110. 3. Quanto ao ter e à posse das coisas, ensinai-os a partilhar fácil e livremente com seus amigos o que têm e deixai-os descobrir pela experiência que o mais *liberal* sempre tem mais fartura, contando ainda com estima e distinção; e eles rapidamente aprenderão a praticá-la. Imagino que isso tornará os irmãos e irmãs mais gentis e corteses entre si e, conseqüentemente, para com os outros do que vinte regras sobre boas maneiras com as quais as crianças geralmente são sobrecarregadas e com as quais ficam perplexas. Sendo a inveja e o desejo de ter sob nossa posse e domínio mais do que necessitamos a raiz de todo mal, cedo devem ser cuidadosamente extirpados e deve ser implantada a qualidade contrária da disponibilidade de partilhar com os outros. Isso deve ser encorajado através da confiança e de grande distinção, bem como pelo constante cuidado de que ele não perca qualquer coisa com sua *liberalidade*. Fazei que todas as recompensas que ele ofereça através desta liberdade sejam sempre retribuídas, e com juros; e fazei-o perceber sensivelmente que a gentileza que demonstra para com outros não é mau negócio para si, mas que lhe traz um retorno em gentileza tanto daqueles que a recebem quanto dos que

vêm. Fazei disto uma competição entre os filhos que, assim, deverão superar uns aos outros. Por estes meios, através de uma prática constante, tendo os filhos tornado simples partilhar o que têm, esta boa disposição poderá estabelecer-se como hábito e eles poderão sentir prazer e orgulhar-se de serem *gentis, liberais e corteses* em relação aos outros.

Se a liberalidade deve ser encorajada, certamente, há que se tomar muito cuidado para que os filhos não transgridam as normas da *justiça*. E, quando o fizerem, devem ser corrigidos e, sendo ocasião para tanto, repreendidos severamente.

Se nossas primeiras ações são guiadas mais pelo amor-próprio do que pela razão e reflexão, não é de admirar que nas crianças haja a tendência ao desvio das justas medidas de certo e errado, pois estes são o resultado da razão desenvolvida e da meditação séria. Quanto maior é a tendência nas crianças a equívocar-se neste ponto, mais importa vigiá-los cuidadosamente. E cada deslize, por pequeno que seja, nesta grande virtude social, deve ser observado e corrigido, mesmo nas coisas de pouca importância e gravidade, tanto a fim de instruí-lhes a ignorância quanto para prevenir hábitos molestos que, começando nas pequenas coisas como nos pinos (*Pins*) e nos caroços de cerejas (*Cherry-stones*),² se deixados à solta, crescerão e tornar-se-ão corrupções maiores, com o perigo de acabarem, finalmente, numa desonestidade absolutamente solidificada. A primeira tendência que surgir a qualquer *injustiça* deve ser suprimida com uma demonstração de surpresa e aborrecimento por parte dos pais e tutores. Mas, como as crianças não podem compreender adequadamente o que é a *injustiça* até que entendam o que é a propriedade e como as pessoas a conquistam, o modo mais seguro de garantir a honestidade é cedo deitar seus fundamentos na liberalidade e na facilidade de partilhar com os outros tudo o que possuem ou de que gostam. Isso lhes pode ser ensinado cedo, antes que disponham de linguagem e compreensão suficiente para formar noções distintas de propriedade e para reconhecer o que lhes pertence em virtude de um direito particular exclusivo. E uma vez que as crianças raramente possuem algo que não tenham recebido de presente, e na maior parte das vezes, dos pais, podem, a princípio, ser ensinadas a não pegar nem ficar com qualquer coisa senão as que lhes forem dadas por aqueles que elas supõem ter este direito. Então, à medida que suas capacidades aumentem, podem ser propostas e inculcadas outras regras e casos de *justiça* bem como de direitos relativos ao *meum* e ao *tuum*. Se cometem qualquer ato de *injustiça* que pareça provir, não de um equívoco, mas de uma vontade perversa, quando então uma repreensão leve e a vergonha não corrigirão

² Aqui Locke refere-se a dois jogos infantis bastante populares entre as crianças inglesas da época.

essa inclinação irregular e invejosa, devem ser aplicados remédios mais fortes. O pai ou o tutor devem tirar-lhes algo que valorizem e pensem ser seu, ou devem ordenar alguém a que o faça. Assim, far-se-lhes-á compreender quão pequena é a vantagem que poderão auferir, enquanto houver no mundo outros homens mais fortes que eles, por possuírem *injustamente* o que é de outros. Mas, se lhes for cuidadosamente inspirado, desde cedo, como penso que deva ser, uma aversão sincera por este mal vergonhoso, haver-se-á tomado o caminho correto para preveni-lo; e será melhor defesa contra a desonestidade do que quaisquer considerações apartadas dos interesses, pois os hábitos operam mais constantemente e com maior facilidade do que a razão, a qual, quando mais a necessitamos, raramente é sequer consultada e mais raramente obedecida.

Avelino da Rosa Oliveira e Gomercindo Ghiggi são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram em co-autoria *“Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa”*, em Cadernos de Educação, n.4 e o livro *“O conceito de disciplina em John Locke”*, pela ED/PUCRS, em 1995. Ambos são mestres em Filosofia (PUCRS) e doutores em Educação (UFRGS).

E-mails: oliveira@ufpel.tche.br
ghiggi@ufpel.tche.br

Texto recebido em dezembro/2002